

AUGUSTO CURY

O Homem mais Inteligente da História

Adaptação de:
Ana Rita Silva

Pergaminho

A era dos mendigos emocionais

O Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas, ONU, deu início à reunião de emergência sobre a violência no Mundo. Os principais líderes políticos das nações, assim como pensadores das mais diversas áreas, estavam presentes. Os números mostravam um aumento assustador da violência não apenas nos países pobres e emergentes, mas também nas nações mais ricas.

– *Bullying* nas escolas, violência contra mulheres e crianças, assédio moral nas empresas, agressões sexuais, corrupção na política, sabotagem no mercado, exclusão de imigrantes, suicídios, homicídios, terrorismo. Enfim, o leque de violência nas sociedades modernas é enorme. Vivemos o apogeu do progresso material, o ápice da era digital, mas não conseguimos estancar a hemorragia da violência pelo mundo. Pelo contrário, ela está a aumentar... É incompreensível! – concluiu, preocupado. – Está aberto o debate para encontrarmos soluções sustentáveis.

Muitos presidentes, ministros e deputados teceram as suas considerações. Alguns sociólogos também mencionaram o aumento populacional, as crises económicas, a exclusão social e outros tantos problemas como fatores agravantes.

Quando a conferência se aproximava do fim e os presentes já estavam cansados de ouvir as mesmas discussões, o Secretário-Geral retomou a palavra:

– A ONU agradece a participação dos líderes mundiais nesta grande conferência sobre as causas e soluções para a violência na era moderna. Faremos um relatório que será enviado a todas as nações, embora me pareça que ainda não temos um diagnóstico adequado da questão.

– E não temos mesmo! – proclamou Marco Polo, um psiquiatra e investigador que estava entre os espectadores.

Ligeiramente perturbado, o Secretário-Geral advertiu:

– Sinto muito, meu senhor, mas o debate não está aberto à plateia.

– As grandes ideias não são propriedade dos líderes políticos, mas da mente de quem as pensa – confrontou-o Marco Polo.

Apanhado de surpresa, o Secretário-Geral da ONU pensou melhor.

– Abrirei uma exceção. O seu nome?

– Marco Polo – apresentou-se de forma breve.

– Seja rápido, por favor. Já ultrapassámos o tempo previsto – pediu delicadamente o seu interlocutor.

Polémico, ousado, provocador, Marco Polo começou com descontração:

– Minhas senhoras e meus senhores, não só pisamos a superfície do planeta Terra, como também a camada superficial do *planeta emoção*. Está em curso uma verdadeira explosão de transtornos psíquicos e sociais. E uma das grandes razões para isso é o facto de a educação clássica se ter tornado excessivamente cartesiana, lógica, linear, desprezando as capacidades socioemocionais capazes de proteger a psique. Se não mudarmos o paradigma fundamental da educação, seremos uma espécie inviável!

A plateia agitou-se.

– Mudar o paradigma da educação? O que é que quer dizer, senhor Marco Polo? – questionou um intrigado ministro canadiano que estava na primeira fila.

– A educação mundial precisa de passar da era da informação para a era do Eu como gestor da mente humana! A primeira gera gigantes na ciência, mas crianças no território da emoção; a segunda cria seres humanos bem resolvidos, coerentes e altruístas.

O tema era completamente novo e, ao mesmo tempo, perturbador. As pessoas que haviam bocejado nos últimos discursos mostravam-se agora despertas.

– O que significa ser gestor da mente humana? – questionou uma senadora americana. – Nunca ouvi falar dessa tese!

– Ser gestor da mente humana é saber gerir os pensamentos, proteger a emoção, libertar a criatividade e tornar-se protagonista da própria história. A educação clássica crê que a maneira de formar mentes brilhantes é bombardear o cérebro com milhões de dados e fazer os alunos assimilá-los. Isso é um grande engano!

– Mas há séculos que a educação é assim, detentora e transmissora das informações mais relevantes da sociedade – retrucou o ministro da Educação de França.

– Sim, mas esse sistema de educação já não funciona, pelo menos não coletivamente. A mente dos nossos alunos mudou muitíssimo. Assim como não é possível dar tinta e pincéis a uma máquina e esperar que ela crie obras-primas como as que Da Vinci, Van Gogh e Rafael pintaram, também não é possível formar obras-primas na tela da mente humana com esse estilo de educação. As pessoas precisam de aprender a pensar coletivamente, a ser altruístas, a porem-se no lugar do outro e a ser tolerantes às frustrações!

Nesse momento, Marco Polo pediu licença para fazer algumas projeções no ecrã. Tinha sempre consigo uma *pen* com os vídeos e as animações que costumava utilizar nas suas palestras. No entanto, o seu pedido foi negado.

– Não será permitido. Já é tarde, meu caro – disse com arrogância um assistente do Secretário-Geral.

– Se a plateia não me quiser ouvir, sento-me neste momento – respondeu com firmeza Marco Polo.

A plateia manifestou-se. Os espectadores pareciam agora sedentos por ouvir as novas ideias que o psiquiatra trazia.

O pedido foi então reconsiderado. Autorizado pelo Secretário-Geral, Marco Polo entregou a sua *pen* ao técnico responsável e começou a mostrar imagens reais: carros a serem conduzidos de maneira irresponsável, a alta velocidade, desrespeitando as regras de trânsito e causando graves acidentes. Em seguida, completou:

– O nosso intelecto é um veículo mental complexo e guiamo-lo de forma irresponsável. Porquê? Porque as escolas e as universidades não educam o Eu, que representa a capacidade de escolha, o livre-arbítrio, a consciência crítica para estar ao volante. Um olhar de lado estraga

o dia, uma crítica asfixia a semana, uma traição pode comprometer uma vida.

– Está a sugerir que estamos na infância do Eu como gestor da mente? – questionou o primeiro-ministro francês, indignado.

– Sim. É isso que estou a afirmar! – respondeu com convicção.

Em seguida, com o cuidado de preservar a identidade das pessoas envolvidas, projetou situações muito graves que mostravam jovens a mutilar-se por terem sido contrariados e reparigas anoréticas, só pele e osso.

– E sabem porque é que estas jovens estão magras como os pobres famintos da África subsariana? – indagou Marco Polo. – Porque se sentem gordas. A ditadura da beleza está a matar os nossos jovens por dentro.

Em seguida mostrou cenas de pessoas anónimas a cometerem os mais diversos tipos de violência e até homicídios por motivos banais.

– Pequenas contrariedades geram reações desproporcionais. Estamos na era do descontrolo emocional.

Era possível perceber a perplexidade no rosto dos que assistiam à apresentação de Marco Polo. Um político famoso que estava na primeira fila recordava silenciosamente que no dia anterior gritara com a mulher como se ela fosse sua escrava: «Sai da minha frente, sua atrasada mental! Este fato não combina nada com esta gravata!» Agora sentia-se envergonhado.

Marco Polo prosseguia com a apresentação:

– As vacinas protegem-nos contra os vírus, mas que vacinas podem prevenir a violência e os transtornos psíquicos? Sem mudar a educação, é impossível. Qual delas daria a um ente querido? Normalmente nenhuma! Estamos acostumados a exigir, a apontar falhas, a tecer críticas...

– Mas quem tem dentro de si um manual de regras de comportamento não faz um bom trabalho educacional? – perguntou um senador republicano dos Estados Unidos.

– Desculpe, mas quem possui apenas um manual de regras está apto a consertar máquinas, não a formar mentes brilhantes.

Depois deste comentário, Marco Polo acrescentou:

– A falta de proteção da emoção é a maior de todas as violências, e cometemo-la contra os nossos próprios filhos!

– Como podemos mudar isso, doutor Marco Polo? – perguntou o Secretário-Geral, abalado.

– Há muitas ferramentas à nossa disposição: podemos ser mais lentos a reagir e mais rápidos a pensar; ser empáticos e importar-nos com a dor dos outros; ter consciência de que por trás de alguém que fere há uma pessoa ferida; pensar como humanidade e não apenas como grupo social... E todas estas ferramentas estão relacionadas com a gestão da própria mente.

Em seguida, o investigador mostrou que na atualidade levamos o veículo mental, a construção dos pensamentos, a uma velocidade nunca antes vista. Por isso é fácil perder o autocontrolo!

– Mas... mas... nunca ouvi falar nisso – comentou um líder alemão.

– Pois agora é altura de ouvir! Hoje uma criança de sete anos possui mais informação do que possuíam os imperadores romanos. Uma de nove detém mais informação do que Sócrates ou Platão. Isso não é suportável. O excesso de informações não utilizadas torna-se lixo intelectual. Esgota o cérebro. Em média, quem possuirá mais informação: Einstein ou os bons engenheiros e físicos da atualidade?

– Einstein? – sugeriu um ministro da Educação europeu.

– Errado, meu senhor. São os engenheiros e físicos da atualidade. Mas porque não produzem ideias complexas como as que o jovem Einstein produziu aos vinte e sete anos, no tosco escritório de patentes em que trabalhava? O que forma um pensador não é a quantidade de dados, e sim a organização dos mesmos.

Marco Polo projetou algumas animações reveladoras. Crianças e adolescentes conectados o dia inteiro ao telemóvel, mas desconectados de si mesmos. De repente, à menor contrariedade, tinham reações explosivas. Também mostrou crianças a dormirem mal e outras a acordarem de madrugada para aceder às redes sociais. Pareciam *zombies*.

– Mas a era digital trouxe ganhos inegáveis! – exclamou uma líder indiana.

– Sim, inclusive um aumento cognitivo e uma melhoria do raciocínio lógico e da produtividade. No entanto também trouxe prejuízos

gigantescos. Não podemos fechar os olhos a isso. Há milhões de jovens vítimas de intoxicação digital. – E explicou melhor: – Tire-lhes os telemóveis e muitos terão sintomas de abstinência como os gerados pela dependência de drogas! Ansiedade, insatisfação crónica, impaciência, baixa tolerância a frustrações, um tédio atroz quando sentem que não têm nada para fazer.

– Mas estamos na era da democracia, somos livres de fazer escolhas... – defendeu um filósofo suíço.

– Asseguro-lhe, contudo, que nunca nas sociedades democráticas houve tantos escravos no único lugar em que é inadmissível ser-se escravo: na própria mente.

– Contudo, o desenvolvimento tecnológico levou ao aumento da esperança de vida. Não podemos condená-lo. Vivemos o dobro do tempo que os Romanos viviam! – observou uma líder italiana, especialista em saúde pública.

– A tecnologia levou a ganhos importantíssimos. No passado uma amigdalite matava. Mas precisamos de ver o outro lado da moeda social. Vivemos em média oitenta anos, só que a mente humana está tão stressada pelo excesso de informações que hoje em dia oitenta anos passam como se fossem vinte no passado.

– Então o nosso sistema tornou-se uma fábrica de doidos. Segundo o que afirmou, estamos a viver mais em termos biológicos e a morrer mais cedo em termos emocionais, é isso? – perguntou um político francês.

– Tenho a certeza de que estamos a viver esse paradoxo. Essa é uma forma de violência subliminar contra nós próprios, mas não catalogada pela ONU nem discutida neste debate. Não vos parece, minhas senhoras e meus senhores, que adormecemos e quando acordámos já tínhamos esta idade?

– O doutor Marco Polo tem razão. Algumas pesquisas indicam que este ritmo frenético nos torna mais individualistas e insatisfeitos. Estamos na era da indústria do lazer, mas nunca tivemos uma geração tão triste. Esse é outro grande paradoxo – afirmou Michael, um neurocientista que mais tarde se tornaria amigo de Marco Polo.

– Estamos na era dos mendigos emocionais – concluiu Marco Polo.
– Muitos dos homens aqui presentes vestem fatos e gravatas de marca,

mas não poucos mendigam o pão da alegria. Essa é outra forma de autoviolência.

Houve um burburinho na plateia.

– Quer dizer então que as sociedades modernas se tornaram um manicómio a céu aberto? – questionou em voz alta um político russo.

As pessoas ficaram inquietas. Estavam ali para discutir a violência dos outros e não sabiam que eram violentas consigo próprias. Marco Polo mencionou também a multiplicação do número de mendigos na França do século XVIII. Devido às guerras, à corrupção política e aos conflitos sociais, produziram-se tantos miseráveis que era possível tropeçar neles pelas ruas. Agora estaríamos na era dos miseráveis emocionais. E citou um país jovem, ensolarado e alegre, o Brasil:

– Por exemplo, na cidade de São Paulo, no período entre 2002 e 2012, o índice de suicídios entre jovens aumentou quarenta e dois por cento.

– Que loucura! Se isso acontece no Brasil, para onde caminha a humanidade? – comentavam os presentes.

Marco Polo completou:

– A FAO, órgão da ONU responsável pela segurança alimentar, como os senhores devem saber, apurou que há oitocentos milhões de pessoas a passarem fome no mundo. Um problema intolerável. – E, olhando nos olhos o Secretário-Geral, que estava perturbado com a exposição, apontou: – Mas as estatísticas não dizem que há milhares de milhões de mendigos emocionais, alguns a morarem em belos apartamentos e casas confortáveis.

A plateia irrompeu em aplausos. Marco Polo ia terminar o seu discurso, mas as pessoas solicitaram que continuasse. Um político argentino fez inclusivamente um comentário muito sério, mas com ironia:

– Onde é que existe um restaurante emocional, doutor Marco Polo? Sou impaciente, reclamo muito, detesto quando o meu portátil ou o meu telemóvel demoram a ligar. Sou um esfomeado emocional.

Muitos sorriram e aplaudiram-no. Marco Polo comentou:

– A principal característica dos mendigos emocionais é fazerem pouco do muito. Por exemplo, os pais têm pavor de que os filhos se

tornem toxicod dependentes, mas, sem perceberem, estão a viciar-lhes o cérebro com excesso de estímulos.

De repente, uma das maiores empresárias de Espanha, que dava este mundo e o outro aos filhos, mostrou-se muito preocupada:

– O excesso de presentes pode prejudicar os nossos filhos?

– Pode ser uma violência contra a saúde emocional deles. Pode levá-los a precisar de cada vez mais estímulos para sentirem algumas migalhas de prazer. Não são apenas as drogas que causam dependência – alertou Marco Polo.

Os líderes estavam extremamente perturbados; muitos caíam nessa armadilha. Então o psiquiatra projetou a imagem de uma criança africana a brincar com um papagaio de papel, feliz da vida. Depois a de outra a correr atrás de animais, sorrindo, como se tivesse mergulhado num oásis de prazer. A seguir, mudou a paisagem, mostrando uma animação em que um menino fazia birra: «Eu quero mais!» Outra criança gritava com a mãe: «Tens de me dar um telemóvel novo!» Portavam-se como pequenos reis que faziam dos pais seus criados.

«Meu Deus, o que estou a fazer com os meus dois filhos...», disse a si mesma a empresária. «Dou-lhes presentes quase todos os dias, e quanto mais dou, menos agradecem, mais refilam e mais infelizes ficam.»

– O risco de os pais ricos gerarem desnutrição emocional e ansiedade é maior do que o de pais pobres... – concluiu Marco Polo.

Os líderes mundiais esfregavam as mãos na cara, assustados. Representavam a elite dos seus países.

– Acabou de nos tirar o chão, doutor Marco Polo. Neste congresso estivemos a discutir a violência, mas não a que praticamos com os nossos filhos – afirmou o ministro da Defesa da Alemanha. – Para mim, basta. Precisamos de repensar as nossas atitudes violentas.

Marco Polo já não se podia calar. Antes da saída do ministro da Defesa, atirou mais uma bomba emocional para o colo da plateia:

– Por favor, procurem dar aos vossos filhos o que o dinheiro não pode comprar: a vossa presença e a vossa história. Ensinem-lhes a contemplar o belo. Esse é o presente dos presentes!

– Contemplar o belo é o mesmo que admirar o belo? – indagou o ministro ainda de pé.

A resposta fê-lo sentar-se:

– Não! Até um psicopata como Adolf Hitler admirava o belo. Ele acariciava a sua cadela *Blondi* com uma mão e com a outra telefonava aos seus subordinados ordenando guerras irracionais. Era vegetariano, não queria que os animais derramassem sangue, mas não se importava que crianças e mulheres o derramassem nos campos de concentração. Admirar o belo é uma experiência fugaz. Contemplar o belo é entregar-se-lhe atenta e pormenorizadamente.

As pessoas entreolhavam-se. O Secretário-Geral da ONU perguntou:

– Os grandes pensadores da História porventura contemplavam o belo?

– Raramente. Einstein era depressivo; Kafka, pessimista; Van Gogh, hipersensível; Nietzsche, mórbido. O sucesso financeiro, político, intelectual, se não for trabalhado, gera insucesso emocional, leva a uma psicoadaptação ao próprio sucesso, fazendo com que as pessoas precisem de «muito» para sentir «pouco». À medida que ascendem na carreira e se vão tornando famosas, asfixiam o prazer de viver...

Acabou comentando que muitos milionários, conforme vão enriquecendo, se tornam inconscientemente mendigos a morar em palácios.

– Estou assustado... Entrei rico e saí mendigo da sede da ONU! – brincou um empresário de Silicon Valley.

O comentário suscitou uma gargalhada geral.

– A emoção é democrática, minhas senhoras e meus senhores, alimenta-se especialmente das coisas simples e anónimas da vida.

De repente, uma pergunta inesperada e muito difícil de responder revolucionou ainda mais a sala:

– E Jesus Cristo, sabia contemplar o belo? – perguntou um líder do Parlamento britânico.

Marco Polo parou, respirou profunda e prolongadamente e respondeu:

– Respeito quem segue uma religião, mas sou ateu. Para mim, Deus é uma ideia construída pelo cérebro humano, que, por ser apaixonado

pela vida, não suporta o seu caos na solidão de um túmulo... Portanto, não vou discutir religião aqui.

Porém o líder do Parlamento britânico confrontou-o:

– Eu não lhe perguntei se crê em Deus ou não. Perguntei se a personagem Jesus era saudável, feliz, se contemplava o belo! – insistiu.

Marco Polo respirou lentamente. O clima ficou tenso na reunião da ONU.

– Nunca estudei a sua personalidade, mas as religiões cristãs vendem a ideia de que Jesus Cristo era um homem triste, intimista, que carregava o mundo às costas, com níveis baixos de alegria.

De repente, uma ouvinte levantou-se e, em sintonia com o político inglês, desafiou Marco Polo:

– Sei que o doutor estuda o processo de formação de pensadores. O senhor é muito ousado, mas parece que tem medo de investigar a mente de Jesus na perspectiva das ciências humanas – atirou aquela psicóloga sem meias-palavras.

Todos ficaram espantados com a audácia.

– Medo, eu? – disse Marco Polo, olhando-a nos olhos.

– Sim, medo, o velho cárcere humano! Porque não aceita o desafio de investigar os inúmeros aspetos da inteligência de Jesus?

Silêncio geral na plateia. Marco Polo partiu para o ataque:

– A senhora acha correto pressionar-me perante esta nobre plateia de líderes mundiais? – perguntou, aparentemente indignado.

– Sem dúvida que sim! – afirmou ela.

Um burburinho tomou conta da sala. O Secretário-Geral da ONU levantou-se para tentar moderar a situação. Em seguida, Marco Polo perguntou, ainda mais sério:

– Como é que se chama?

– Anna.

Então ele sorriu e disse:

– Vou pensar na tua pergunta, Anna. Mas antes quero dizer publicamente que te amo...

Ninguém percebeu nada. Após um silêncio cáldo, ele explicou:

– Bom, preciso de gerir a minha mente, pois até a minha mulher me está a stressar...

Quando ficaram a saber que Anna era a sua mulher, todos sorriram, levantando-se e irrompendo em aplausos. Viram neles um casal incrível, espontâneo e inteligente. E foi nesse clima que Marco Polo terminou a sua participação.

Muitos saíram da reunião da ONU transformados; alguns, pensativos; outros, atordoados. Perceberam que não sabiam conduzir o veículo mental; queriam liderar o mundo, mas não eram líderes de si mesmos. Estavam no rol dos mendigos emocionais, vivendo de migalhas de prazer.